

AS EGO-HISTÓRIAS E O ESCRITOR DE HOJE*

Everton Vinicius de Santa - Universidade Federal de Santa Catarina¹

RESUMO: Esta discussão se refere à figura do escritor-autor que agora está também no meio digital, um espaço onde ele pode ser observado por todos de forma permanente. Esse traslado impõe uma série de mudanças na elaboração de uma entidade autoral por parte do escritor, entendido como sendo a pessoa física, o indivíduo que escreve. Então, esse passo ao meio digital consolidou a deslegitimação da figura do autor dos nossos dias. A consequência dessa imersão hipertextual por parte do escritor está sendo sua espetacularização. Assim, nesta sucinta reflexão, trago à tona algumas problemáticas sobre o escritor a partir do conceito de ego-histórias, entendidas aqui como experiências pessoais presentes no texto em primeira pessoa. Para isso, tomo como exemplos duas narrativas: "O espírito da prosa" (2012), de Cristóvão Tezza, e "La parte inventada" (2014), de Rodrigo Fresán. Procuro mostrar como os meios digitais e a cultura midiática favorecem uma reflexão metaliterária sobre a invenção de um "eu-autor" que satisfaz a necessidade de uma autopromoção cujo objetivo é consolidar a imagem do escritor e do autor ao mesmo tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Meios digitais. Autoria. Ego-histórias. Espetacularização.

Introdução

Há uma tendência característica de alguns escritores atuais que fazem da literatura de hoje uma literatura baseada no espetáculo, no exibicionismo, no fazer-se visível. O que quero dizer é que há uma relação direta entre a literatura atual e sujeitos-escritores cada vez mais espetacularizados, uma relação favorecida por uma hibridização entre meios de publicação tradicionais, no papel, e os meios digitais, na tela. Chamo híbrido porque escritores e leitores não estão mais sujeitos ao papel impresso como antes uma vez que suas relações se maximizaram e se estreitaram em função dos ambientes digitais que promovem uma menor distância entre eles. Essa dialógica relação autor e leitor agora está mais dinâmica para ambos.

Essa aparente falta de distanciamento entre escritor e leitor evidencia outra e indissolúvel relação: a do contágio entre a prática literária (e, por conseguinte, da prática artística) com os meios digitais, especialmente para esses escritores cada vez mais em evidência na mídia, nas redes sociais e em eventos literários, parte do processo de exibição do qual trato aqui. A produção e consumo da literatura de hoje está significativamente influenciada pelos espaços

* XII EVIDOSOL e IX CILTEC-Online - junho/2015 - <http://evidosol.textolivre.org>

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil.

virtuais, o que acaba contagiando a constituição da obra literária enquanto objeto cultural e sua recepção. A obra literária tem ganhado outras configurações e formatos, assim como a constituição da identidade do autor tem sido afetada uma vez que, para alcançar cada vez mais um público leitor, esse autor constrói uma imagem pública que lhe garantirá visibilidade, ainda que essa imagem pessoal seja inventada, e por isso posso dizer que o escritor de hoje cria uma espécie de *persona*. Os meios digitais garantem ao escritor essa autopromoção pela facilidade com que se pode manejar as informações nesse meio, ao mesmo tempo em que o discurso autoficcional vai ao encontro do ávido interesse do público pelo “outro”, e por isso falo aqui dessa espetacularização da figura do escritor.

Essa transposição (vou chamar assim) do escritor para o meio digital parece, cada vez mais, deslegitimar a figura do autor de nossos dias, aquele sobre o qual pairava uma aura divina e, hoje, o que se observa, é esse desvelamento do escritor que preza por essa presença marcante do texto e fora dele. É como se o autor-escritor estivesse retomando seu espaço antes tomado como algo mítico, e então esse movimento de restauração da imagem do autor como pessoa física e não como uma figura mitificada. O que se observa é que há uma grande parcela de escritores, e, claro, um forte movimento editorial por detrás dessas articulações e construções de imagem e de identidade autoral, que levam ao máximo essa premissa da espetacularização de uma imagem pública na rede em espaços virtuais: “la espectacularización de la intimidad cotidiana se há vuelto habitual, com todo um arsenal de técnicas de estilización de las experiencias vitales y la propia personalidad para ‘salir bien en la foto’.” (SIBILIA, 2013, p. 60).

As ego-histórias

Partindo dessas contextualizações é que trago aqui o conceito das "ego-histórias", termo utilizado pelo Pierre Nora, em 1987, em seu "Essai d'ego-histoire", e que entendo aqui, apoiado por Nora, como não sendo nem uma autobiografia falsamente literária, nem confissões desnecessariamente íntimas, nem profissões abstratas de fé, nem tentativas de uma análise psicanalítica de um “eu”. O exercício das ego-histórias consiste em voltar-se para sua própria história como se fosse a história de outro, tentando aplicar a si mesmo, cada um no seu estilo e métodos que lhe são característicos, o olhar frio, inclusive, explicativo, que tantas vezes poderia estar focado em outros "eus", mas que está focado em si mesmo. Duas narrativas me permitem, sucintamente, pensar sobre conceito e refletir sobre essa invenção de um "eu-autor" presente nos dias de hoje: "O espírito da prosa" (2012), de Cristovão Tezza, e "La parte inventada" (2014), de Rodrigo Fréсан.

Quando menciono a deslegitimação da figura do autor, refiro-me a perda da aura mítica relacionada com o ofício de escritor. Na verdade, nos últimos anos, o escritor está cada vez mais presente na mídia e cada vez mais essa cultura midiática explora sua imagem. O resultado disso é um jogo que envolve escritores, leitores, editoras e, claro, suportes físicos e virtuais ao redor do objeto literário (essa reflexão pode ser estendida a outras manifestações

artísticas que não a literatura, por exemplo) e da figura pública do escritor, efeito ou reflexo de um contexto literário atual que permite a esse escritor estar presente o tempo todo, ao mesmo tempo em que o leitor espera relacionar-se com esse escritor ainda que seja indiretamente, ou seja, o escritor precisa estar presente tanto quanto sua obra e acessível para interação, para o diálogo, para *feedbacks*, e é isso que tem alimentado a indústria cultural de hoje. A cultura do tecnoespetáculo preza pela imagem do produtor mais do que pela imagem do produto. Se há essa tendência das ego-histórias, do escrever sobre si mesmo na cultura contemporânea, é porque do outro lado da moeda está o ávido interesse do público leitor sobre aquele que fala de si mesmo, a exemplo do sucesso das redes sociais, das autobiografias, dos blogues e das memórias. Há uma polarização entre exibicionistas e observadores alimentando esse cenário literário.

O escritor tecnoespetacularizado sobre o qual me refiro está cerceado pelo interesse do outro pela sua intimidade, pela necessidade que esse leitor tem em manter contato direto com ele, pelo prazer de exibir-se para o outro, pela busca da autopromoção, pelo jogo idealizado ao criar essa *persona* por detrás do nome próprio. Isso interfere tanto na promoção de sua imagem quanto em sua produção literária, ou seja, o escritor toma si mesmo como objeto de sua criação, a exemplo do que fez Montaigne em seus célebres ensaios, e isso tem difundido a autoficção como um dos gêneros atuais de maior destaque. Isso tudo me remete ainda à ideia de Guy Debord em "A sociedade do espetáculo", de 1967, porque essa tecnoespetacularização está diretamente relacionada com uma sociedade de consumo organizada em torno da produção e consumo de imagens e objetos culturais. A exemplo dos dois autores que trago aqui, ambos mantêm páginas atualizadas na internet², o que reforça o interesse em manter contato com seus leitores, por exemplo, embora não se possa garantir que são os próprios escritores que os mantêm atualizados.

Essa mecânica promovida pelas redes sociais sobre o contato direto com leitores não é novidade. Autores de blogues fazem isso já há algum tempo e antes mesmo da internet isso poderia ser observado, em menores proporções, em jornais locais, por exemplo. Essa presença na rede não só corrobora essa espetacularização de sujeitos, como também aponta para uma tendência em escrever sobre si mesmo, que, por certo, acabou contagiando o mercado editorial em função de hábitos sociais que mudaram e em função da disseminação do acesso a internet pelo Brasil e pelo mundo. Poderia dizer ainda que isso é também um indício antropológico que afeta hábitos socioculturais em nível global e presente na cultura cibernética. Nela se observa essa exposição de "eus" e os escritores de literatura têm utilizado isso em seu favor por meio das ego-histórias, dos discursos autoficcionais.

Mais do que a construção de um sujeito teórico tradicional, esses escritos em primeira pessoa têm, na autobiografia, o artifício da invenção de um "eu", ou seja, esses autores-escritores transformam teoria em objeto de discurso narrativo³ e utilizam a escrita ficcional, com situações e personagens nem sempre inventados para construir identidades, papéis sociais e

² Disponíveis em: < <http://www.cristovaotezza.com.br/>> e < <http://rodrigofresan.com/>>;

³ Silvano Santiago, em "O falso mentiroso" (2004), trabalha isso muito bem.

institucionais, além de explorarem suas transformações pessoais e artísticas. São estratégias de autopromoção.

Isso é o que acontece em "O espírito da prosa", de Cristovão Tezza. Narrativa em primeira pessoa, Tezza nos relata sua vida como profissional das Letras e como começou a escrever. De fato, por ter sido professor universitário, a narrativa tem muitas marcas próprias de um estudioso da teoria literária e, por toda a narrativa, o narrador-personagem relata acontecimentos de sua vida profissional e acadêmica, mais do que sua vida pessoal. Ele escreve sobre suas aulas na universidade, sobre as referências teóricas que acabaram influenciando em seus trabalhos como professor e, claro, como escritor, que acabaram o levando a escrever essas memórias autobiográficas ou memórias intelectuais, como prefiro chamar. Em 44 capítulos, Tezza procura construir uma imagem de si mesmo, uma imagem do Tezza escritor, característica das ego-histórias sobre as quais comentei: a do escritor-autor que constrói uma experiência memorialística, confessional, por vezes subjetiva, e que desmascara seu "eu" intelectual mais do que seu "eu" pessoal.

Por sua vez, a tessitura narrativa em "La parte inventada", de Rodrigo Frésan, apesar de também a considerar uma ego-história, é um exemplo com algumas distinções quando comparada à narrativa de Tezza, sobretudo porque o narrador, não declaradamente Frésan, não foca apenas em sua vida intelectual. Frésan rebusca mais a linguagem, talvez por não fazer parte do mundo universitário e por não ter sido tomado pelos grilhões da teoria como Tezza. Em suas monumentais 566 páginas, Frésan, que também narra em primeira pessoa, mas não se declara narrador, como Tezza, norteia seu discurso em uma pergunta: "Como funciona la mente de um escritor?", e relata vida pessoal e vida intelectual, neste caso, a de escritor. A narrativa é protagonizada por um interessante personagem-narrador chamado "el escritor", que tem plena consciência sobre o seu público leitor em tempos de internete:

A los lectores electrocutados de ahora, acostumbrados a leer rápido y a leer breve en pantallas pequeñas, Y, sí, adiós, a todos ellos, al menos por el tiempo que dura y dure este libro. Desenchufarse de fuentes externas para sólo alimentarse de electricidad interna. Y ésa es – warning! warning! -, al menos en principio y en el principio, la idea aquí, de aquí en más, están advertidos. (FRESÁN, 2014, p. 18)

O que percebo nas duas narrativas, ainda que pude explicitá-las brevemente aqui, é exatamente essa compulsão por um "eu" que se sabe midiaticizado e virtualizado apesar de seus distintos níveis de ficcionalização e confissão, essa incerteza que a autoficção sempre carrega consigo. Essas duas narrativas (não ouse chamá-las ficções) são exemplos de uma exposição aumentada de um "eu", ora mais, ora menos, que evidenciam uma "persona", uma imagem, que quer ser vista, como se observa também em redes sociais, *reality shows*, blogues, sempre prezando por esse jogo com o leitor e sempre em tom autorreferencial, confessional, autobiográfico, metaficcional, uma alternância entre ficção e vida.

Contextos híbridos

Vivemos tempos de literaturas híbridas nos quais o cotidiano tecnológico está presente no discurso narrativo e contágia, interfere nas tramas do texto literário, sobretudo quando dizemos que a literatura atual é de leitura rápida e pouco complexa porque o perfil do leitor de hoje se adéqua a esse rápido mundo das telas de computadores e da velocidade com que as informações são veiculadas pela rede e fora dela. A linguagem literária e a obra estão imersos em um espaço múltiplo, espaço esse hipertextual e hipervalorizado com relação a veiculação e construção de identidades. A literatura atual, como a de Tezza ou a de Fresán, presentificam-se como exemplos de ego-histórias ao mesmo tempo em que, internamente, operam em sentidos opostos: uma mais próxima do diário íntimo e a outra mais próxima de um diário íntimo e ficcionalizado, respectivamente. Novamente nos deparamos com essa hibridização de gêneros e técnicas.

O eu como objeto e centro de atenções, e também como objeto ficcional, é a chave da questão que envolve as ego-histórias (Em “A chave da casa” (2007), Tatiana Salem Levy trabalha com essa metaliterariedade narrativa) o que desvela o caráter dialógico do ver e ser visto, ou seja, do "eu" e do "outro" e que revelam ou corroboram a premissa aqui discutida de que os tempos atuais são tempos marcados pela autoafirmação, pela exibição, pela autopromoção e pela espetacularização de uma imagem que esse "outro" espera ver. Esse movimento mantém em contato todos os sujeitos envolvidos, escritores e leitores, nessa máquina cibernética idealizada e materializada pela tela do computador, mas também fora dela.

Em suma, essas minhas considerações implicam numa reflexão mais alongada sobre o lugar da autobiografia, da identidade literária e do mercado de consumo nessa sociedade do espetáculo de hoje. De fato, se consolidam novas funções para os papéis do leitor e do escritor: o leitor mais interativo, mais atento e mais crítico; o escritor mais preocupado com sua imagem pública, mais exposto, mais focado numa linguagem cotidiana. Assim, as ego-histórias, tratadas na França desde o final dos anos de 1980, ganham espaço neste cenário da escrita que extrapola o vivido, e é aqui que a espetacularização dessa imagem autoral emerge aliada a esse espaço dos meios digitais.

Referências

FRÉSAN, Rodrigo. **La parte inventada**. Barcelona: Literatura Randon House, 2014.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 [1967].

SIBILIA, Paula. **La intimidad como espectáculo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.

TEZZA, Cristovão. **O espírito da prosa**: uma autobiografia literária. São Paulo: Record, 2012.